

SOBRE O SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA

Maria do Carmo Tavares de Miranda

EXPERIÊNCIA E INTERPRETAÇÃO

Inspiração e criação do sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre, o Seminário de Tropicologia vem realizando, desde 1966, com prioridade no Brasil e na América Latina, o estudo dos trópicos através de abordagens interdisciplinares.

Explicitamente, em 1965, Gilberto Freyre apresentava em conferência realizada no *Simpósio sobre Problemática Universitária*, na Universidade Federal de Pernambuco, a conveniência da introdução de um Seminário (tipo Tannenbaum) sobre tropicologia, tecendo considerações sobre seus objetivos e sistemática para o seu funcionamento. Obteve, de imediato, a concordância de eminentes mestres universitários, participantes do Simpósio e, em sua maioria, membros do Conselho Universitário dessa Universidade, vindo a ser instituído com o apoio do Reitor, Murilo de Barros Guimarães, no início do ano de 1966, em convênio com o, então, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Em 1980 o Seminário de Tropicologia foi transferido para a Fundação Joaquim Nabuco e vem encontrando em seu Presidente, Fernando de Mello Freyre, um de seus principais incentivadores.

Desde 1966, sob a Coordenação e Direção de Gilberto Freyre, o Seminário vem cumprindo e desdobrando o plano, então traçado, de estudo e investigação das necessidades situacionais, abordando não só problemas, mas também temas humanísticos, filosóficos, científicos, práticos.

O centro de convergência das reflexões, estudos, apreciações é o universo tropical, o qual se desdobra em temas diversos que partem de realidades mais próximas e concretas atendendo a situações especificamente regionais e se aprofundam em questões que abarcam áreas tropicais e se transpõem em análises sobre a ação cultural compreendida em seu sentido sociológico e antropológico. O componente cultural, portanto, é visto em sua mobilidade, interpenetrado com problemas e temas que implicam as influências e as relações simbióticas do homem e seus valores culturais e naturais.

Há, portanto, uma contribuição decisiva para o estudo das relações entre o Homem e os Trópicos, e o estudo do espaço brasileiro, "espaço em grande parte tropical . . . com gente tropical em seu comportamento e em sua cultura". 9:29

Como bem disse Gilberto Freyre fazem-se presentes ao estudo dessas relações entre o Homem e o Trópico "perspectivas não só brasileira como atlântica, não só nordestina ou mineira ou centro-meridional ou gaúcha como tropical, hispanotropical, lusotropical, e, por conseguinte, trans-regional. São estudos de problemas arrojadamente experimentais, não só realizados do ponto de vista pan-brasileiro como pan-humano, sendo antes intermediariamente pan-tropical". 9:37

O destaque dado à experiência pioneira que representa o Seminário de Tropicologia pode e deve ser visto sobre diferentes ângulos.

Inicialmente se, de modo mais imediato e explícito, o Seminário de Tropicologia se apresentou com base no tipo de Seminário que foi introduzido na Universidade de Colúmbia, dos Estados Unidos da América, pelo professor Frank Tannembaum e, assim, quando de sua criação em 1966 e em seus primeiros anos de funcionamento, pode-se falar do Seminário Tannembaum — Recife, ou mesmo Tannembaum — Brasil, logo se viu adentrar-se esta experiência do *fazer-se* em modificações consideráveis que, pouco a pouco, foram se aprofundando e fizeram deste Seminário de Tropicologia um Seminário criado, surgido pela ação de Gilberto Freyre como experiência que *se refaz* a partir de um "saber de experiência feito", através de novas indagações científicas, experimentos, reflexões. Ciência ecológica. Consciência sócio-histórico-cultural de assimilação, inter-relação e integração de valores e técnicas.

O paradigma Tannembaum era necessário como processo gerador de conhecimento, como Seminário Permanente sobre um só tema, de caráter interdis-

ciplinar, cuja sistemática para suas reuniões e composição de seus elementos, e a metodologia de especialismo e trans-especialismo se acompanhava de responsabilidade criativa combinada com atividade recreativa, lúdica como o exercitar-se descontraído, sem rigidez burocrática nem acadêmica, dos participantes dos debates, os membros do Seminário. Estes trazem suas contribuições do ponto de vista de suas especialidades, ora revendo seus próprios conceitos diante do assunto abordado, ora propondo-os como etapas para considerações teóricas, práticas, experimentais. Como numa obra musical as alternâncias de ritmos, a harmonia e a múltipla composição de instrumentos dizem da unidade e complexidade tanto da obra quanto de sua execução, assim o Seminário de Tropicologia.

Pareceria a olhares pouco observadores que o criador deste Seminário introduzia mais um modismo nos meios intelectuais do Recife. Bem diverso é o caso. Seminários, também, já se realizavam em cursos universitários. Isto se pode constatar em trabalho publicado em 1957. Ficava, entretanto, bem nítido neste trabalho o objetivo destes seminários, conquanto também pioneiros. Eram práticas acadêmicas e, no caso, cursos práticos de iniciação à pesquisa filosófica que visavam "constatar a relação de determinação e de interioridade recíprocas entre teorias e fatos, e as implicações da descoberta experimental com as invenções teóricas". 13:97

O Seminário de Tropicologia abria e apontava para um outro horizonte. As perspectivas sócio-ecológicas exigindo-se da interpenetração convergente e divergente de saberes diferentes, fundamentavam-se na experiência e na própria dinâmica da história do homem. Por esta razão uma composição heterogênea de membros do Seminário, congregando representantes de diversas gerações e de saberes e práticas diferentes. E desta composição complexa se apresentou o seu objetivo desde o primeiro momento em grandes linhas: o interesse para que fosse obtida a máxima unidade da diversidade em torno do tema Trópico, escalonando-o desde sua realidade concreta até a totalidade regional e desta até o trans-regional e trans-nacional, devendo ser colocada, também, a totalidade universal, sem perda um só instante do saber do concreto e da experiência como contínua referência ao saber. É a compreensão do particular individual ou social em momentos significativos através de um "critério gestaltiano de interpretação". 10:58

INTUIÇÃO E ESTUDOS SOBRE O HOMEM SITUADO

Em verdade o Seminário de Tropicologia tem raízes profundas e fundamento antigo e sólido. Precisa-se redescobrir esses princípios germinais de toda uma obra.

Gilberto Freyre não explicitava que o Seminário de Tropicologia era a

conseqüência prática de seus estudos sobre a Vida e a Formação Brasileira nos Trópicos dos quais sua Tese apresentada à Faculdade de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais da Universidade de Colúmbia, em 1922, *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX* já indicava o escritor estudioso da Formação da Família Brasileira, autor de *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos* e tantos outros livros, e anunciava a preocupação científico-filosófica das análises sobre o Homem e a Cultura diversamente situados que toda sua obra reflete com critério de abordagem ecológica, atendendo a necessidades situacionais.

Sua Tese desenvolvia ao lado da concepção da diversidade regional do Brasil, a diversidade e a diferenciação de grupos da população brasileira segundo o tempo ou épocas de suas vidas. Ao pesquisador social não escapariam as quase sutilezas de uma teoria política brasileira do II Reinado, nem as tradições populares, festas religiosas, festas palacianas, aspectos das províncias brasileiras, vida urbana e rural, e a miscigenação a acentuar-se. Diga-se que, então, estava indicada em traços gerais uma biografia coletiva dessa sociedade dos meados do século XIX.

E sua obra partira desde 1918 de uma intuição: a interpretação de uma sociedade vista culturalmente e, no caso, essa intuição desceu ao mais profundo do ser de sua gente, captou momentos de sua duração e dimensão bio-sócio-cultural. Além desta captação de instantes vividos concretamente tentou expressá-los através de imagens que além de "sensuais" fossem "mágicas" e cujas palavras estivessem carregadas de cores, sons, saberes, odores. "Som, cor, olfato que o leitor viesse a ter a sensação de captar mais do que lendo, absorvendo das palavras puras esses contornos e esses gestos como que de carne. De verbo que fosse também carne", 7.1:28 confessaria o próprio escritor em 1978.

Era a Tropicologia que assim surgia desde 1918, documentada em artigos de jornal, enviados dos Estados Unidos da América para o *Diário de Pernambuco*, hoje editados em dois volumes, *Tempos de Aprendiz*, por iniciativa do Conselho Estadual de Cultura.

A gênese da Tropicologia já pode ser ali visualizada. "A natureza tropical, clara, florida, cheia de sol", . . . "perpétuo verão em flor" 7.1:42,164 é evocação do seu Recife, e ao mesmo tempo lembrança e admoestação para a conservação de árvores nas ruas, nas praças, nos quintais, assim como lembra a necessidade de *playgrounds*, parques e áreas para recreio, e fala sobre a importância do *campus* ao redor de edifícios acadêmicos.

Reconhece-se o escritor encantado pelas intuições psico-descritivas de Miss Lowell e seu saber apresentar idéias através de imagens. Justamente nestes

artigos aqui pensados, de 1918 a 1922 (outros se seguiram após), podem ser captadas orientações pioneiras de sua obra. Não seriam a empatia, "o projetar-se da pessoa no objeto" 7.I: 196 e a "investigação simpática" . . . capaz de "saber fixar uma paisagem e ser exato e discreto no colorir", 7.I:87 e as primeiras intuições sobre o tempo e a duração, "uma eternidade" . . . ou "um nada", 7.I:56 as formulações iniciais de toda sua obra e, no caso, de sua Tropicologia? Não estão aí as críticas ao generalismo vazio e oco e também ao especialismo exagerado, 7.I: 124 o reclamar — para autores ou livros brasileiros que lê e neles reconhecendo valor regional — a intimidade da fala, o natural jeito do expressar-se da gente retratada pelo romance?

Vê-se com sabor o paralelo estabelecido entre estilos literários personificados e exemplificados com frutos ou flores e até "qualificados", quando fruto, quanto à maturidade, forma, condição, origem" como o de "Miss Amy Lowell-tulipa cor de rosa; o do Sr. Ruy Barbosa — mamão mole, "over ripe" manando xarope; o do Sr. Oliveira Luiz — melão polvilhado de sal ático; o de Joaquim Nabuco — narciso de Boston", 7. I: 179 etc.

Destacam-se notas que dizem da Tropicologia no seu nascedouro: "o estudo da história disciplina a faculdade crítica, excita a imaginativa, move idéias, desfaz preconceitos. O recriar inteligente de tempos idos, tão íntimos nos faz do passado que, sem esforço, chegamos à realidade filosófica de que tudo é presente" 7.I: 189 e compõe-se com outros estudos, os de antropologia, análises sócio-políticas, culturais, ecológicas. A reflexão sobre o livro de René Maran, *Batouala*, romance "transnacional no interesse que excita", 7. I: 226 *Diário de Pernambuco*, 6-8-1922, do mesmo ano portanto de sua Tese em Colúmbia, é um marco do caminho do escritor, e nele a ressonância do ensino de seu mestre Franz Boas, "não sabemos de exigência alguma da vida moderna, física ou mental, que se possa demonstrar, com evidências anatômicas e etnológicas, estar acima da capacidade do negro", 7. I: 227 assume a intenção do escritor que surge: a de estudos inter-regionais, inter-raciais, interculturais, que se aprofundam em considerações ecológicas e culturais do Homem situado no trópico.

Se uma Tropicologia faz-se presente, crescendo, a partir de seus escritos de 1918-1922, nos quais antecipações e pioneirismos darão ao seu autor lugar de realce como pensador, analítico-descritivo e sintético-ideativo da cultura brasileira, a temática Trópico se apresentará em abordagens interdisciplinares, com tratamento diferenciado através de apreciações de especialistas, no *Livro do Nordeste*, em 1925, comemorativo do 1o. Centenário do *Diário de Pernambuco*, por ele organizado.

Crê-se poder dizer com justeza de expressão que o *Livro do Nordeste* é,

por direito, precursor do Seminário de Tropicologia, uma como que primeira exposição, teórico-prática, da obra coletiva comandada por Gilberto Freyre e interpretada por vários outros autores, somando-se assim, aspectos interdisciplinares sobre uma mesma realidade. No caso era o Nordeste e a história de nossa cultura, a brasileira.

Esta obra, pioneira e profética, era concebida pelo Organizador como "obra coletiva — colaboradores representando várias especialidades — que ligasse ao caráter regional o máximo de transregionalismo, de transnacionalismo e de universalismo". Se estas expressões o Autor as explicita "relendo a 1a. edição do *Livro do Nordeste*", não há exagero em confirmá-las. Mais ainda, no *Livro*, uma "nordestologia" em estudos, é "um pequeno esforço de estimativa em torno de alguns dos valores mais característicos da região; pequeno inquérito às tendências da vida nordestina — a vida de cinco ou seis estados cujos destinos se confundem num só e cujas raízes se entrelaçam — durante os últimos cem anos; espécie de balanço de nossas perdas e ganhos neste período. Sob semelhante critério é, talvez, este livro a primeira tentativa, esboçada no Brasil, de introspecção econômico-social",^{3:3} palavras iniciais do livro de 07 de novembro de 1925.

Nele estão presentes o pluralismo metodológico e a tropicologia em exercício de exposições, confrontações escritas sobre o cotidiano vivido pelo homem em sua inserção mais próxima, a da cidade, a do estado, a da região. É a primeira síntese de aplicação inter-relacionada de saberes, expostos por diversos especialistas, sobre o homem, o trabalho, o lazer e o equilíbrio ecológico.

Este livro, não é temerosa a afirmação, é uma antecipação dos Anais do Seminário de Tropicologia, livro antecipador e germinativo. Aguardaria até 1966, com outras tentativas pelos idos de 1961, para frutificar em Seminário Permanente sobre o Trópico.

O *Livro do Nordeste* estendia-se das "Relações Internacionais" às "Relações Luso-Brasileiras" e às "Relações Inter-Americanas", e da "Vida Social no Nordeste" abria-se em considerações sobre a "Pintura", a "Arte da Renda", "Cantadores", "Movimento da Abolição", "Viação Férrea", "Secas", "Medicina e Higiene", "Agricultura e Pecuária" até "A Cultura da Cana no Nordeste (Desenvolvimento Histórico)" e "Festas e Funções do Engenho no Nordeste", sem deixar escapar aspectos da vida pernambucana, a "Musical", a "Literária", a do "Teatro" a do "Jornalismo", a da "Vida de Estudante", a "Vida Econômica (Desenvolvimento Industrial e Comercial)", "Duas Páginas de Barlaeus", "Velhas Janelas do Recife e de Olinda", "Velhos Portões do Recife e de Olinda", "Municípios de Pernambuco" (síntese da situação econômica e social), e estudos sobre "Dom Vital", "Nísia Floresta", "Poeta Manuel Bandeira", "Antonino José de Miranda Falcão", fundador do *Diário de Pernambuco*, "Carlos Lyra Filho,

(então) Diretor do *Diário de Pernambuco*”. E não poderiam faltar nem a “Evocação do Recife” de Manuel Bandeira, nem os bicos de pena do outro Manuel Bandeira, nem reprodução de litogravuras, nem as páginas de anúncios que dizem e fixam imagens sócio-econômicas da época.

O *Manifesto Regionalista*, de 1926, tradicionalista e modernista, tentava dar sentido de organicidade e de renovação aos estudos do Homem situado. Por um lado realçava características e peculiaridades regionais, as “raízes telúricas”, por outro lado reclamava uma articulação em conjunto do regional com o nacional, visto histórica, sociológica, econômica, antropológicamente, em análises que salvassem o específico das culturas regionais e as harmonizasse no todo nacional, liberando-o, inclusive por fortalecimento com sua própria identidade, das influências colonialistas estrangeiras. Ao mesmo tempo apresentava a necessidade de que os valores tradicionais se conjugassem com os modernos e por isso — com esta vinculação do que é próprio, em expansão — se alongassem em pós-modernos que fluíssem naturalmente e com vigor do que é original em cada ser, sua própria raiz.

Do *Manifesto Regionalista* como “movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais”, 4:27 proposta final do Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo realizado no Brasil e que reuniu homens públicos e de ciências, e das artes, Gilberto Freyre continuaria a estudar e a promover estudos do Homem situado no Trópico. E com maior amplitude e abrangência; um “estudo comparado” desse homem “nas várias regiões ou áreas tropicais. . . . Ao estudo do Homem físico e biossocial se acrescentará o de suas culturas ou de suas civilizações, prestando-se particular atenção ao que, nessas culturas ou civilizações, seja especificamente tropical em sua base ou condição ou constante ecológica” 2:39

Era inaugurado, em 1961, o Instituto de Antropologia Tropical, na Universidade Federal de Pernambuco, como um Instituto da Faculdade de Medicina, como centro de pesquisas e atividades paradigmáticas: seminários, conferências, que viessem ao esclarecimento, à formação, à sistematização da Tropicologia, como ciência. Nota-se a preocupação com o mundo surgido do pós-guerra, a era atômica, a automação, e o Trópico “como um mundo — mais do que um espaço — capaz de competir com o boreal e o temperado em civilização e em criatividade. Para o que se faz preciso que cientistas, artistas, pensadores, homens de ação dos trópicos comecem a desenvolver nas várias ciências e nas diversas artes e atividades que lidam com as relações do Homem com o meio e com os problemas de expressão do meio pelo Homem, uma consciência ou um ânimo ecológico”. 2: 58-59 Infelizmente o Instituto de Antropologia Tropical não conseguiu firmar-se.

Este positivo insistir para o inter-relacionamento de estudos e de análises

diversas, que se constituísse como centro de reflexões sobre o trópico, veria, enfim, em 1966 a instauração do Seminário de Tropicologia, que desde então vem constituindo aplicação de conhecimentos a problemas e temas concretos.

A Tropicologia, porém, como ciência ecológica já fora explicitamente indicada, contra a depreciação pejorativa da expressão "tropicalismo", através de considerações sobre o que denomina "tropicalmente positivo", 8:179 ou seja "a civilização luso-tropical: complexo que, social e culturalmente, inclui o Brasil" ... 8:181

Tropicalismo. Luso-Tropicalismo, exatamente *Em Torno de um Novo Conceito de Tropicalismo* é a sua Conferência pronunciada na Sala dos Capelos, da Universidade de Coimbra, em janeiro de 1952, 8:170-186 perguntando "um tanto à maneira de Antonio Nobre: "Que é dos homens de estudo de Portugal, onde estão eles que não vão estudar de modo mais intenso os trópicos lusitanos?" "Pois o Ultramar Português clama por antropólogos, etnógrafos, sociólogos, botânicos, economistas, geólogos, ecólogos que se especializem por áreas, em estudos luso-tropicais. Que dediquem a vida a esses estudos. Não se compreende que o pioneirismo do tropicalismo em estudos e não apenas em realizações, deixe a outros povos, só agora voltados para os estudos tropicais, o comando desses estudos". 8:184-185

Gilberto Freyre parte da luso-tropicologia à hispano-tropicologia, como Tropicalismo considerado positivamente e genericamente, e vem formalmente à "Tropicologia, para bem estudar o Homem situado no trópico, as civilizações desenvolvidas ou que se desenvolvam em áreas tropicais, os obstáculos oferecidos pela natureza tropical a valores de civilização vindos de outros meios naturais, tem que ser uma ciência fundamentalmente ecológica antes de ser dinamicamente biossocial e sócio-cultural em seu estudo do Homem situado em meio tropical". 2:48 A esta Tropicologia faz-se necessária uma sistematização científica inter-regional, transnacional, intertropical.

Eram palavras e objetivos traçados pelo criador em 1949 do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco. Então, para o Instituto, pesquisas "de caráter intranacional" era o que se propunha, e ao Instituto de Antropologia Tropical uma "articulação de caráter internacional, de estudos comparados no plano pantropical". 2:198

A este critério de região, ampliado pelo de área, convém destacar a importância e a urgência de estudos conjugados e articulados de várias ciências "para um esforço comum em torno de complexo limitado por suas características de espaço, — outra técnica, ou combinação de técnicas", 8:139 antecipação, declara explicitamente, que lhe ocorreu com o preparo do livro *Casa-Grande & Senzala*

la. E tais estudos são e cabem dentro de uma “expressão exata ou completa; Luso-Tropicologia, . . . (porque) Luso-tropical é sempre o conjunto de tal cultura quer se considere o centro de sua vida física — o trópico habitado à maneira mais ou menos lusa — quer o centro de sua vida sobreorgânica ou cultural: a cultura lusófona adaptada aos trópicos”. 8:140 Iguamente uma Hispano-tropicologia se iniciava em suas considerações “como subsciência dentro de uma igualmente ainda por sistematizar, Tropicologia . . . (elas, a luso-tropicologia e a hispano-tropicologia) são as únicas que exprimem relação simbiótica de saber: empatia, experiência e vivência de europeus com ou nos trópicos”. 8:144-145

HABITAR HUMANO NO TRÓPICO

A Tropicologia se confirmava portanto em torno do complexo da Habitação, a partir da Casa Brasileira, como imagem, símbolo, chave de interpretação do não menor complexo, nosso ser-brasileiro, nossa cultura.

De seus primeiros escritos à sua *Tese*, desta ao *Livro do Nordeste*, ao *Manifesto Regionalista*, à *Casa-Grande & Senzala*, tantos outros, e *Diários*, *Memórias*, *Biografias*, ao *Oh de Casa!*, à *Rurbanização: Que é?* compete indagar sobre este relacionar-se do homem com a natureza, com o ambiente, “uma como que introspecção pessoal desdobrada em análise social, a introspecção e a análise tendo o seu ponto de encontro no estudo íntimo e, ao mesmo tempo, antropológico, histórico e sociológico, da casa em suas relações com o indivíduo, por um lado, e com o todo social, por outro. Uma abordagem, sobre o assunto, sob este aspecto, nova, inovadora e até revolucionária no seu modo de ser análise múltipla e de procurar ser interpretação, sendo possível síntese”. 5:38

O escritor concorda com esta autora na interpretação certa vez dada sobre a importância do complexo Casa Brasileira em sua obra. 5:38-39

E por que Casa? Não só o espaço físico, também o ambiente. Não só o estilo de habitação, como o habitar qualitativo, típico. Não só o fixo, a residência estabelecida, também o que dela decorre em amplitudes de relações, ações, influências.

A Casa como ponto de convergência de sentidos reflete o próprio ser do homem, o modo do dispor-se humano criando seu próprio mundo, o condicionar-se da vida habitual e, ao mesmo tempo, ela indica a seqüência de atitudes e hábitos, faz compreender a série de atos pessoais e sociais referenciados a um centro de ação.

Por isso é possível para um aprofundamento de interpretações e compre-

ensão de uma cultura, traduzir-se o sentido transcendente das raízes humanas, o de ser integrado na vida, como o seu morar ou habitar em terra própria, expandindo-se em viver alternando e combinando rotinas na cotidianidade do trabalho e aventuras de seu ser criador.

Entre o hábito e o costumeiro habitual, caseiro, do seu manifestar-se e as audácias como irrupções contidas, porque conscientes, de energias que fluem suavemente, deixando-se jorrar apenas em momentos esparsos, o viver do homem se configura. A casa lhe assegura sua formação, o resguarda em valores. Também lhe oferece segurança para expandir-se e inovar, como ao chão compete a guarda das sementes.

Da casa, o próprio dispor-se do homem, individual e familiar, deixa transparecer-se na ritmia da comunidade mais próxima e se estende à comunidade regional e nacional. É *habitat*.

Neste costumeiro recolhido da casa, uma quase rotina, está a proteção. É o ser humano vivente, amparado e firme pela proteção maternal da habitação que o reintegra nele mesmo e permite sua primeira convivência, a familiar, da qual novos hábitos se tecem e tornam-se forças capazes de instauração e cultivo de novas formas de habitar. Estas resguardarão valores essenciais, recriando-os, modificando-os segundo novas experiências que combinem e alternem tradições e inovações.

Amparo e proteção da habitação são imagem-símbolo da maternalidade da casa: a que resguarda a vida e os valores em contínua criação, e os renova em audácia contra o desgaste do que deixa de ser habitual, porque tendo se tornado inóspito, é desagregador do ritmo da casa.

Casa indica o modo pelo qual o homem situado, o vivente com seu corpo distendido no espaço, inserido num tempo, o seu tempo, este homem concreto cuja "unidade é dimensionada por uma transcorporeidade, seu natural biológico e de pensar"^{11:39} edifica seu ambiente próprio. É, assim, o *ethos* do homem, de uma região, de uma nação, indicando o condicionamento histórico que se faz e perfaz através de contingências.

Casas moradas, as habitações são abrigos. Teto e chão protetor dos indivíduos. Terra e chão firmes a grande habitação, a cidade, o país.

O ser com tempo do homem medeia entre seu trabalho e seu lazer e recria a relação natureza-homem, como ambiência-transcendência dos modos temporais. Do existir do homem tempóreo, com estilo de vida habitual, ambientado e em transcendência compreendem-se as épocas, as gerações. Transcender é pró-

prio do homem. É de seu *ethos* o prolongar-se, deitar raízes, influenciar culturalmente seu meio, em vários espaços e novas datas.

Este relacionar-se da casa enquanto morada ou habitação fala da intimidade do homem, aponta para o mistério do seu ser situado, de sua distensão em espaço-tempo e de sua capacidade de transpor modos temporais.

A Casa deve ser compreendida como *ethos* (caráter, destinação pessoal, social), das disposições fundamentais e experiências habituais que daí decorrem. Pode-se estudá-la revolvendo passados fixados através de uma análise topológica psíquica, seja fenomenológica, psicológica, psicanalítica, como Bachelard expõe em *A Poética do Espaço*, reintegrando lugares do espaço de interioridade psíquica inobjetivável e indescrevível.

Gilberto Freyre não segue esta orientação. Desenvolve outro tipo de análise, a sócio-ecológica, ora considerando processos geradores formativos ou de decadência de épocas: as Casas-Grandes, as Senzalas, os Sobrados, os Mucambos, ora captando comportamentos, mentalidades, hábitos e costumes: Transições de tipo de trabalho (escravo para o livre), Túmulos, Diários, Memórias, Perfis, Análises epocais ou de situações. Complexas. Bio-históricas, histórico-sociais, sócio-culturais. Análises ecológicas.

Ethos, caráter, destino do homem. Seu habitar próprio como modo de seu ser, vivente ou morto, habitante em movimento ou em imobilidade. E por isso Jazigo, o habitar em paz.

O *ethos* (particular, regional, trans-regional, nacional, trans-nacional) é pesquisado a partir das experiências concretas, das habitações, das moradas.

Homem, povo, nação, comunidade trans-nacional — *ethos*, caráter pessoal, caráter regional, caráter nacional, caráter do complexo de comunidade trans-nacional —, linhagem, heranças bio-sócio-culturais, traços distintivos ecológicos são estudados e interpretados com suas inter-relações históricas, biográficas, sociais, geográficas, econômicas, políticas de seu desenvolvimento.

A Casa Brasileira, síntese de relações simbióticas, ponto de partida para análises do projetar-se do homem, necessita da Tropicologia para a consideração e compreensão desse homem, e do complexo histórico-social. Neste sentido têm importância os objetos caseiros, utensílios, vestuário, culinária, móveis, etc., sem que possam ser esquecidos problemas e questões de Engenharia: Física, a da construção das casas como residências, casas para os diferentes trabalhos e atividades do homem; Humana, que harmoniza os elementos da construção para o bem-estar do homem; Social, que organiza e sistematiza as inter-relações entre

grupos humanos, coletividade, permitindo a convivência social. Estas reflexões dizem a obra de Gilberto Freyre e como que estão sintetizadas em *Oh de Casa!* e *Rurbanização: Que é?*

“Daí a necessidade de uma Tropicologia — que ainda não existe de todo mas se acha em formação principalmente no Brasil, no Seminário de Tropicologia da Fundação Nabuco e no referido Instituto — que sistematize o estudo de tais problemas, do ponto de vista do que seja aplicação de Ciência — de um conjunto de Ciências ou de Saberes — a problemas vivos, específicos, inconfundíveis em seu caráter de problemas regionais ou ecológicos cujas particularidades sejam esclarecidas por pesquisas idôneas”. 6:51

Por isso de uma auto-análise do pessoal e do social, situados e concretos, particularizados, deriva-se a autobiografia particular inter-relacionando o indivíduo e a sociedade, e a autobiografia coletiva, quando se capta o típico ou simbólico de uma sociedade e o dramático, sua plenitude de implicações e conexões, complementaridade de relações.

A biografia é a representação de uma “ambiência vital, uma sociologia genética e histórica social, até o inserir-se no movimento e na diversidade de vida dos que nos antecederam e dos quais somos nós hoje um tanto e quanto deles. . . Um critério especialíssimo, “personalíssimo”, como diz Gilberto Freyre, do saber escolher um momento significativo do encontro das variáveis do agora, de então, nos seus espaços correspondentes . . . E isto foi realizado através da história social da casa-grande”. 1:5-6

Acrescente-se: “em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem”, conforme o subtítulo de *Oh de Casa!*

Acredita-se poder acrescentar ainda: isto foi realizado através do estudo do complexo Casa Tropical Brasileira, desenvolvido pela obra de Gilberto Freyre, a qual se expande cada dia em aprofundamentos e novas perspectivas de análises ecológicas e vem também sendo realizado pelo “Seminário de Tropicologia (que) vem pondo em foco a necessidade de se encontrarem e se utilizarem perspectivas sócio-ecológicas no trato de problemas de desenvolvimento, como o brasileiro, em grande parte condicionados por situações tropicais diferentes das européias”. 6:15 Esta afirmação não limita o objetivo da Tropicologia. Indica em verdade uma metodologia ínter-relacionista, pois “o Brasil (é) considerado como civilização moderna desenvolvida principalmente em espaços tropicais e o brasileiro, principalmente, como habitante desses espaços; e em suas relações de semelhança e de diferença com outros tipos de homem e com outras civilizações, situadas e desenvolvidas em espaços ou regiões tropicais”. 2:40

Sem dúvida esta é a linha central do pensamento gilbertiano, manifestada em todos os seus estudos e ações criativas, como o Seminário de Tropicologia e como a Fundação Joaquim Nabuco. Em nenhum momento se despreza "a importância de estudos ecológicos, quanto a espaços, e históricos, quanto a tempos, quer físicos, quer sociais. Estudos que, deixando de aceitar a suposta realidade de um homem abstratamente cósmico como realidade completa, completam essa meia ou parcial realidade com a análise e a interpretação do homem diversamente situado em espaços e tempos que não são nem vêm sendo os mesmos". 1:441

O complexo da Habitação ou da Casa designa o modo do Habitar humano e sua própria condição humana em situação.

A nota distintiva do Seminário de Tropicologia é a abordagem do complexo do Habitar humano no Trópico, incluindo o Habitar brasileiro, através de uma "constelação de métodos" e esclarecimentos como "expressão viva de pluralismo intelectual". 15:13 Esta a razão de ser do Seminário de Tropicologia.

CONSTELAÇÕES TROPICOLÓGICAS

Os temas do Seminário, suscitados por influências ou necessidade de ordem sócio-cultural, tornam-se, através de análises, pontos que contribuem decisivamente à formação da Tropicologia, como ciência, que vem se consolidando como "síntese universal-regional", sem desprezo da "síntese universal-nacional".

Salienta-se que os valores existenciais da convivência humana, situada em diferentes tempos e espaços, integram-se em um todo aproximativo da realidade vista generalizadamente.

Esta diferença de anotações existências não exclui a universalidade humana aplicada a situações específicas, circunstâncias próprias, ecológicas ou ambientais.

Convém novamente repetir: do particular experimental estabelece-se a inter-relação com o que é simbólico ou típico: de uma sociedade ou cultura. E deste inter-regional partem considerações que permitem a abordagem de articulações trans-nacionais de regiões, intertropicais. São as constelações tropicológicas vistas culturalmente e, ao mesmo tempo, encaminhadas à universalidade, enquanto compreendidas na indagação sobre o que seja o Homem e a Natureza. O Seminário de Tropicologia traz, portanto, em seu bojo, desde sua instauração e sistematização e em seu exercício, uma experiência que se processa através de compreensões, a do Homem, a da dimensão humana vivida tanto no tempo como no espaço, vistos não só quantitativamente, mas, também, qualitativamente.

O Seminário vem se realizando como expressão viva de um processo de inter-relacionamento e confluência de conhecimentos e práticas. Apresenta-se como fruto maduro da concepção sócio-antropológica, histórico-social, filosófico-antropológica, do seu criador sobre o Homem situado. Fruto de sua concepção da Tropicologia em amplitude de ciência e arte abarcando a hispano-tropicologia e a luso-tropicologia, seu estudo visa não só o Brasil e dentro do Brasil não só as considerações geofísicas, mas o sócio-cultural de sua formação. Tropicologia, portanto, que se estende a todos os trópicos, culturalmente compreendidos. É um saber do humano convivente que não se reduz à mera localização do homem. Visa analisar o homem todo e todo o humano. "Oceânico. Compreensivo. Pan-humano". 1:48

A constituição da Tropicologia e o seu exercitar-se através do Seminário específico, e do Seminário estabelecendo sínteses entre experiências e teorias diversas, tentando contribuir para a sistematização da Tropicologia, são complexos. Isto se deve às suas múltiplas manifestações: não só físicas, mas sociais; não só sociais, mas culturais; não só culturais, mas humanas, ecológicas. Ecologia que transcende o plano físico e se completa em social e humano, como igualmente ocorre com as relações bio-sócio-culturais do homem com o espaço e com o tempo.

Desde a instauração do Seminário, Gilberto Freyre o vê como "coordenação de altos estudos" 15:15 sobre o Trópico, à qual não falta critério científico crítico para submetê-la a revisões de acordo com o objetivo traçado. Neste sentido podem ser estabelecidas, até o presente momento, três etapas em seu percurso: Etapa Inicial, de 1966 a 1973; Etapa de Transição, de 1974 a 1979; Etapa de Renovação e Reconstituição, iniciada em 1980.

Com a Etapa Inicial cabe que sejam vistas a instalação, experimentação, sistemática de trabalhos, definições aproximativas. Igualmente, a tônica desse período foi a de livrar-se da burocracia acadêmica e da rotina pedagógica para alcançar experimentabilidade científica.

Com a Etapa de Transição, inclusive com um ano, o de 1974, sem a realização de seminários, indica-se uma estratégia: avaliação das experiências estabelecendo novas orientações experimentais e possibilitar a atualização e publicação de volumes relativos às atividades do Seminário nos anos precedentes.

Com a Etapa de Renovação e Reconstituição tenta-se caracterizar a consolidação das experiências e experimentos anteriores, vividos pelo Seminário. A sistemática de trabalhos continua a mesma, sendo, entretanto, renovada em alguns pontos práticos (como a participação efetiva de seminaristas visitantes, especialmente convidados para uma reunião, ao lado dos membros efetivos e, tam-

bém, o número de comentadores específicos é reduzido para um (1) só em cada reunião, permitindo dinamizar mais ainda o debate de todos os participantes) e de ordem metodológica (como a proposta de subtemas anuais).

Na expressão de Gilberto Freyre o Seminário de Tropicologia "prima por ser um órgão quase nada burocrático: muito mais alma do que corpo". 14:11 Para a realização, funcionamento, organização e levantamento das reuniões, coleta de textos, revisões, comunicações com conferencistas, comentadores específicos, debatedores, o Seminário conta com auxiliares dedicados e responsáveis: o Assistente da Direção, sociólogo Silvio Soares, a secretária Ângela Tavares, que a partir do mês de janeiro de 1983 foi transferida para outro setor da Fundação Nabuco, sendo substituída por Maria Vilma de Souza, o Auxiliar Administrativo, José Edson de Araújo, sem que possa deixar de ser referido o técnico de som, Paulo Miguel dos Santos, da Fundação, responsável pela gravação das reuniões do Seminário. A autora, na qualidade de Diretor Adjunto do Seminário de Tropicologia, externa seu agradecimento a todos estes que servem, (serviram), com dedicação, no dia-a-dia do Seminário.

Estão publicados os volumes que correspondem aos anos de 1966 a 1975 inclusive, (com exceção de 1974 quando não houve reuniões), e ao ano de 1980.

O que faz o Seminário de Tropicologia diverso de outros seminários existentes, e reconhecidos mundialmente, é seu caráter de permanência e de interdisciplinaridade do tema apresentado para estudo e reflexão: o Trópico.

O tema Trópico é abordado sob diferentes ângulos por uma análise conjugada das várias óticas de conhecimentos particulares.

Destaca-se:

1. Ao caráter de permanência do tema Trópico une-se igualmente a constância periódica de seus estudos. As reuniões do Seminário de Tropicologia, abertas ao público, realizam-se, no mínimo, mensalmente, exceto nos meses de janeiro, fevereiro e julho, às 15 horas, no Auditório do Edifício José Bonifácio, da Fundação Joaquim Nabuco, na Avenida 17 de Agosto no. 2187, bairro da Casa Forte, na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco.
2. A composição dos membros do Seminário é heterogênea, permitindo a representação de gerações diversas que possam contribuir com suas experiências e combinando, também, saberes distintos e diferentes ramos de ciência e artes, técnicas e práticas de atividade. Visa-se, assim, o intercâmbio mais amplo de idéias com debates sobre o assunto em

exposição que venha colaborar para esclarecimento do tema. O número de seminaristas é fixado pela Direção do Seminário e renovado anualmente em 1/3.

3. Livre intercâmbio de pensamento e de expressão entre os seus componentes e convidados especiais em torno do assunto da reunião, o qual é considerado em suas várias e até contraditórias implicações. Norteia-se, portanto, o Seminário de Tropicologia, pelo seu "ânimo inovador", "franqueza crítica", "máximo de responsabilidade".
4. A sistemática das reuniões prevê a apresentação do assunto pelo Diretor ou Coordenador dos trabalhos. Em seguida é dada a palavra ao Conferencista, o qual durante 45 minutos expõe seu tema em trabalho escrito, seguindo-se o Comentador especialmente convidado, o qual, também, por escrito, apresenta seu comentário durante 15 minutos. Segue-se a discussão geral em torno do assunto da reunião, quando por convocação do Coordenador dos trabalhos se manifestam os membros do Seminário de acordo com sua especialidade e dentro de limite de tempo preestabelecido.,
5. Os trabalhos de cada reunião, incluindo comentários e debates em torno à conferência e comentário específico, escritos, são gravados. As transcrições das gravações constarão de publicações do Seminário de Tropicologia, correspondente a cada ano de atividades.

As reuniões do Seminário podem apresentar em síntese, através tão-só do sumário de seus volumes, a preocupação de estudos que orienta a fundamentação e desenvolvimento da Tropicologia.

Em linhas gerais e para uma visão genérica destes anos de funcionamento do Seminário salientam-se dois grupos de considerações sobre o temário das reuniões.

Ao primeiro grupo dá-se destaque:

- a) à "tropicalidade como conceito ecológico-geográfico", considerações pertinentes e que fundamentam os primeiros anos de estudos e pesquisas deste Seminário.
- b) ao "começo de sistematização dos estudos tropicológicos", estudo que estabelece como que um marco e elo para roteiro de pesquisas.
- c) à orientação de ser adotada uma Temática Geral do Ano, para ser

abordada em diferentes ângulos e perspectivas nas reuniões, a fim de melhor fazer convergir ao tema central, Trópico, os estudos e pesquisas do ano em curso.

Intensificou-se, a partir de 1980, uma experiência que vinha sendo posta em prática a partir de 1977, conquanto ainda não estivesse sendo aplicada totalmente.

1977 — Recife Eurotropical,

1978 — Moderno Mundo Tropical,

1979 — Futuro do Brasil Tropical,

1980 — Aspectos diversos da vida e obra de Gilberto Freyre (Homenagem ao criador da Tropicologia e do Seminário pelos seus 80 anos), A iniciativa da atribuição desta Temática Geral partiu da própria Fundação Joaquim Nabuco.

1981 e

1982 — Questões da Atualidade Brasileira,

1983 — Cultura e Trópico.

Ao segundo grupo dá-se destaque:

à abordagem de estudos, os quais, segundo o assunto e o tratamento recebido, são aqui agrupados independente de classificação e catalogação específicas:

Saúde — Medicina. Medicina preventiva, pediatria social, oftalmologia, profilaxia, higiene, nutrição, farmacopéia, ginástica higiênica, cárie dentária, poluição, sexo, condicionamentos físicos.

Universo
científico

físico — Energia solar, iluminação, minerais, geologia.

Letras — Literatura, aspectos lingüísticos, ensaísmo, poesia, escritores, universo lingüístico.

Artes — Artes plásticas, pintura, música, arquitetura, escultura, museus, decoração, mobiliário, jardins, paisagens, *play-grounds*.

Economia — Planejamento econômico-social, desenvolvimento, econo-

mia inter-regional, indústria, tecnologia, transportes aéreos, transportes férreos, transportes urbanos, exportação, importação, turismo.

Natureza

Tropical — Algodão, madeira, pecuária, fruticultura, gado caprino, zootecnia, pesca, política agrícola, pequenos produtores, horticultura, veterinária, trabalhador rural, floresta tropical úmida, zona canavieira, naturalistas.

Educação e

Cultura — Política cultural, educação média, livro escolar, desporto, universidade, *campus* universitário, pós-graduação, pesquisa, bibliotecas, arquivos públicos, informação e comunicação, ensino, jornalismo.

Estudos

geográficos

— Problemas demográficos, solos, rios, climatologia, estiagens e inundações, costa marítima, conceito ecológico-geográfico de trópico.

História — Colonização, história social, antecipações histórico-sociais, períodos da história, personalidades históricas, cidades históricas.

Sociologia

e Antropologia

— Urbanismo, solução rurbana, valores culturais, favelas, ecologia e planejamento urbano, trabalho e lazer, culinária e doçaria, traje, convivência tropical, mulher, migrações internas, direito e sociologia, homens e situações, estudos antropológicos, antecipações em antropologia, mudanças sociais.

Religião — Vida religiosa, comemoração de Natal, religiões populares, igreja.

Política e

Direito — Ciência política, política internacional, desafios políticos, instituições militares, direito e sociologia, culturalismo e natureza tropical.

INTEGRAÇÃO E COMPREENSÃO

Seguindo a orientação de seu criador, escritor Gilberto Freyre, e com o incentivo da Fundação Joaquim Nabuco através de seu Presidente, Fernando de Mello Freyre, o Seminário de Tropicologia visa efetivar uma maior integração com todas as áreas tropicais.

Pode-se dizer que o Seminário intensifica sua experiência de estudos, abrindo novas perspectivas para um intercâmbio mais profundo e amplo de reflexões, debates, práticas diversas, continuando o paradigma de alcançar o máximo de unidade diante da diversificação de suas atividades, sem perda do seu caráter de seminário permanente e interdisciplinar do tema: o Trópico.

O critério seguido para a introdução dessas novas atividades não poderia deixar de ser o inter-relacionar estudos regionais, inter-regionais, transnacionais sobre os trópicos, tendo-se em vista, igualmente, o "futuro do ponto de vista brasileiro, o de uma comunidade em desenvolvimento nos trópicos, o de uma cultura em processo de consolidação, em áreas tropicais, o de novo tipo de homem através de crescente interpenetração ou de raças e de culturas regionais ou nacionais. Cultura, é claro, no seu sentido antropológico ou sociológico: incluindo indústrias, técnicas disto ou daquilo, aspectos dos chamados materiais de vivência e de convivência, como aquelas com que lidam engenheiros, arquitetos, urbanistas, sanitaristas, pedologistas". 9:37

Daí decorrem as novas e diversas atividades do Seminário:

- Encontro Regional de Tropicologia,
- Jornadas de Tropicologia,
- Seminário Desenvolvimento Brasileiro e Trópico.

O Encontro Regional de Tropicologia, particularmente voltado às regiões brasileiras, tem por objetivo o estudo de uma Temática correlata com a que vem sendo desenvolvida no Seminário de Tropicologia.

O local para a realização desse Encontro, preferencialmente fora do Recife, como a Temática, são designados com antecedência a fim de possibilitar que conferencistas e debatedores (sejam os da região-sede, sejam membros do Seminário de Tropicologia), participantes efetivos, tenham conhecimento antecipado. Ao mesmo tempo os textos das conferências, em número de 9 (nove), são enviados à Secretaria do Seminário com 30 (trinta) dias de antecedência da data indicada para o Encontro, para serem distribuídos aos participantes efetivos.

Visa-se, através da composição e participação de conferencistas e debate-

dores de uma e de outra região, interligadas pelo estudo específico designado pela Temática, possibilitar uma maior integração e convergência de reflexões e debates sobre o assunto central do Encontro.

A última reunião é dedicada ao Relatório com conclusões sobre o Encontro Regional de Tropicologia, pretendendo-se estabelecer sínteses que concentrem os estudos e proposições tomadas no Encontro realizado e impulsionem novos processos de reflexão. Há interesse para que o Encontro seja realizado anualmente, a fim de que se reativem em estudos, sempre, as novas perspectivas surgidas em cada região brasileira.

As Jornadas de Tropicologia visam estabelecer a nível transnacional uma participação e integração com outros países tropicais pelo estudo de situações, problemas, questões tropicais, ora em convergência ou divergência de idéias, aplicações práticas, processos de desenvolvimento.

Teórica e praticamente o objetivo é o encontro e a inter-relação a ser estabelecida pelos estudos interdisciplinares de humanistas, cientistas, líderes religiosos, artistas, industriais, administradores, de diferentes países tropicais, trazendo cada um sua experiência múltipla em reflexões e ações, ideações e práticas vividas em seu universo tropical.

Podendo ocorrer mais de uma vez por ano, as Jornadas de Tropicologia realizam-se, entretanto, em caráter intensivo, com exposições e debates de no mínimo 5 (cinco) temas relacionados aos trópicos, e que são desenvolvidos por convidado estrangeiro, no mesmo local de funcionamento do Seminário de Tropicologia, da Fundação Joaquim Nabuco, ou no exterior, em país tropical, dependendo de entendimentos prévios mantidos entre a Presidência da Fundação e a Instituição Internacional estrangeira.

Os textos para debate nas reuniões das Jornadas de Tropicologia são encaminhados à Secretaria do Seminário com 50 (cinquenta) dias de antecedência da data designada para o início das Jornadas, a fim de que possa ser feita a tradução, se for o caso, e para a distribuição entre os participantes efetivos.

São membros efetivos, quando da realização das Jornadas, no Recife, na Fundação Nabuco, os mesmos membros efetivos do Seminário de Tropicologia do ano em curso. No caso de sua realização no exterior, será da competência da Direção do Seminário de Tropicologia e da Presidência da Fundação Joaquim Nabuco a indicação dos participantes brasileiros, sejam debatedores ou conferencistas.

Diante da amplitude de sua temática, o Seminário de Tropicologia intensifica uma experiência de estudos e análises em relação ao próprio presente e fu-

turo nacional, através de mais um seminário próprio: Desenvolvimento Brasileiro e Trópico.

O Seminário Desenvolvimento Brasileiro e Trópico caracteriza-se pela permanência da temática geral, indicada pelo próprio título deste seminário, a qual é oferecida por tempo indeterminado, independente de calendário para a realização das reuniões, a fim de permitir, conforme sejam as possibilidades dos conferencistas convidados, uma maior flexibilidade para a sua realização.

Os conferencistas expõem, segundo sua opção, assunto de sua especialidade e atuação, prática empresarial, alta administração de entidades públicas ou privadas, líderes, homens públicos, participantes do governo federal, ou estadual, ou municipal, presidentes ou responsáveis por instituições.

Os membros participantes deste seminário, em número variável, são indicados para cada reunião pela Direção do Seminário de Tropicologia e atuam como comentadores do assunto em pauta, trazendo uma colaboração como estudo de apreciação crítica, seguindo-se o debate.

Pode, também, o debate ser estabelecido com a assistência, a critério do Coordenador do Seminário. Para isto os interessados devem enviar por escrito ao Coordenador a questão ou questões a serem formuladas, devendo assinalá-las legivelmente.

O objetivo desta nova modalidade do Seminário de Tropicologia é obter maior integração teórico-prática, experimental, com os próprios rumos do país, seja em esclarecimentos de programas de desenvolvimento, ou em desdobramento de questões implícitas, ou dúvidas sobre práticas e métodos utilizados, alternativas, opções.

Este inter-relacionamento mais estreito e efetivo de reflexões entre os que fazem o Seminário de Tropicologia e outras regiões, áreas, países tropicais, sem perda do sentido original-criativo do estudo dos trópicos, estava explícito como propósito na 1a. Reunião Preparatória do Seminário de Tropicologia, a Reunião Preparatória de 1966, ano I de funcionamento da Tropicologia com seus debates vivos, convergente-divergente, objetivo-subjetivo:

“estabelecer, em torno do assunto tornado objeto de estudo do Seminário, contactos transnacionais (da comunidade) e da região em que ela se ache situada e da nação a que ela pertença, com outras (comunidades), com outras regiões e com outras nações.

Trata-se, portanto, de um Seminário que pretende audaciosamente

alcançar temas tropicais com o máximo de compreensividade. Transcendendo o que for de interesse apenas imediato, embora sem desprezar aspectos imediatos dos problemas que considere: sem deixar de ouvir homens de ação envolvidos nas implicações atuais de problemas que se projetem sobre o futuro ou venham do passado, além de homens de estudo, brasileiros ou estrangeiros, capazes de trazer contribuições de valor para a análise e a interpretação dos problemas de ecologia tropical que serão aqui considerados". 14:19-20

Estas palavras de Gilberto Freyre traçam um programa. Tão profundas e visualizadoras, também antecipadoras para o seu Seminário como Coordenação de Altos Estudos, em permanente interação de vários saberes e experiências diversificadas a se manifestarem sobre um mesmo tema, o Trópico, como cerne de reflexões, estudos práticos, científicos, humanísticos, filosóficos, e o Homem situado no Trópico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia*. [Cuiabá], Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978, 404 p.
2. FREYRE, Gilberto. *Homem, cultura e trópico*. Recife, Universidade do Recife, 1962. 236 p.
3. FREYRE, Gilberto et alii. *Livro do Nordeste* (Comemorativo do 1o. Centenário do Diário de Pernambuco). Edição fac-similada. Recife, Arquivo Público Estadual, 1979. 280 p.
4. FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 4. ed. Recife, IJNPS, 1967. 75 p.
5. FREYRE, Gilberto. *Oh de casa!* (em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem). Rio de Janeiro, IJNPS/Artenova, 1979. 188 p.
6. FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: que é?*. Recife, Editora Massangana Fundação Joaquim Nabuco, 1982. 156 p.
7. FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz*. (Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926). São Paulo, IBRASA/MEC, 2 v., 1979. 385 e 400 p.

8. FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. (Introdução a uma possível luso-tropicologia etc.). Rio de Janeiro, J. Olympio, 1953. 438 p.
9. FREYRE, Gilberto. *Um novo tipo de seminário (Tannembaum)*. Em desenvolvimento na Universidade de Colúmbia; conveniência da introdução da sua sistemática na Universidade Federal de Pernambuco). Separata do *Simpósio sobre Problemática Universitária*. Recife, Imprensa Universitária, 1964. 39 p.
10. FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife, IJNPS, 1964. 162 p.
11. MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Por uma Antropologia Filosófica. (Visão Bíblica). *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, I.B.F., 30 (117): 30-41, jan./mar. 1980.
12. MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Prefácio. (Teoria da Formação Humana em Gilberto Freyre: uma Interpretação Filosófica). In: FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia*, 1978. p. 3-19
13. MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Sobre os Seminários nos Cursos de Filosofia, *Anais da Faculdade de Filosofia do Recife*. II, 1957. p. 95-105.
14. *TRÓPICO e colonização* etc. (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia, ano de 1966 etc.). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2 v., 1969. 715 p.
15. *TRÓPICO & sociologia* etc. (Trabalhos apresentados e debates travados no decorrer do ano de 1967 no Seminário de Tropicologia etc.). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1971. 456 p.

